

Senso-percepção e saber no *Fédon***

RESUMO

O objetivo deste texto é propor uma interpretação da primeira seção do argumento da anamnese, no *Fédon*, que “salve” as “senso-percepções” (*aisthêseis*) das críticas a que são submetidas noutras seções do diálogo. Ao contrário do que em muitos lugares se afirma, as senso-percepções não só constituem o momento inicial da reminiscência da Formas, como elas próprias promovem o “conhecimento” do sensível pelo fato de sempre se “referirem” às Formas inteligíveis.

Palavras-chave: Senso-percepção; *Episteme*; *Fédon*; Platão.

ABSTRACT

The aim of this paper is to propose an interpretation of the first section of the argument on Anamnesis, in the *Phaedo*. My objective is to “save” “sense-perceptions” (*aisthêseis*) from the criticism they are submitted to in other sections of dialogue. Contrary to what is stated in many places, sense-perceptions are not only the initial moment of the reminiscence of Forms, as they themselves promote the “knowledge” of the sensible world through their “reference” to Forms.

Keywords: Sense-perception; *Episteme*; *Phaedo*; Plato.

* Universidade Federal do Ceará. Email: jtrin41@gmail.com

** Este estudo incorpora dados recolhidos da interpretação anteriormente desenvolvida em José Trindade Santos, “A função da alma na percepção, nos diálogos platônicos”, *Hypnos* 13, São Paulo 2004, p. 27-38.

O problema

A possibilidade de compreender o sentido do programa da epistemologia platônica depende da solução encontrada para o problema posto pela relação entre as senso-percepções (*aisthêseis*) e o saber (*epistêmê*). Muitos comentadores, que se apoiam em passos bem conhecidos do *Fédon* e dos Livros centrais da *República*, insistem no desprezo que Platão manifesta pelas sensações¹. Através da exploração da oposição dos contextos onto-epistemológicos² dos mundos inteligível (*ser/saber: República V 476e ad fin*) e sensível (*a*)parecer/perceber/opinar: *id., ibid.*), geralmente argumentam que, devido a constituírem fonte de instabilidade e ilusão, as senso-percepções constituem um obstáculo à aquisição do saber, considerando ser o acesso a este exc lusivamente proporcionado pelas Formas inteligíveis (*Féd. 65b-66a*).

Não concedem, contudo, qualquer atenção à circunstância de os argumentos sobre a anamnese conferirem ao sensível a função capital de ligar nada menos que três *momentos cognitivos* bem distintos. O primeiro, que ocorre no inteligível, é referido na menção da “congenitura” (*syngenês, syngeneia*) da alma, separada do corpo, com “toda a natureza” (*Mên. 81c-d; vide 85d, 85e-86b; Féd. 75c-76a, c-e; Fedr. 246d-249c*). O passo manifesta a capacidade de, a partir de uma única recordação, a alma recuperar todas as “coisas” que aprendeu (*Mên. 81d; vide Féd. 72e-73b; Fedr. 249b*). O segundo momento é descrito pela intervenção da experiência sensível, pela qual, através dos sentidos, é conhecido “algo”, num processo coberto pela designação ampla ‘senso-percepção’ (*aisthêsis*), no qual a “competência cognitiva” e os seus exercício e produto se não distinguem (*Féd. 72e-77a; vide R. V 477c-d*³). O terceiro, que constitui o núcleo do processo anamnético, é caracterizado como *recognitivo*. Por ele, a partir do percebido, na reflexão, a alma capta uma, ou mais, das Formas inteligíveis que a constituem. Todavia, o argumento do *Fédon* nunca chega a sustentar textualmente esta tese.

Se esta leitura for aceite, é claro que o intérprete que não considerar a contribuição da senso-percepção para a cognição terá muitas dificuldades para compreender não apenas a anamnese, como as várias tentativas de explicação da cognição avançadas noutros diálogos, como o *Ménon*, a *República*, o *Fedro* e sobretudo o *Teeteto*. Neste último a busca de uma definição da *epistêmê* parte das senso-percepções, sem que as Formas sejam explicitamente

¹ São enganadores, constituindo obstáculos ao atingir da verdade e das Formas (65a-67b), impedem a busca e a prática da virtude e da sabedoria (67e-69e).

² No *República V*, a correspondência de cada uma das modalidades cognitivas, *epistêmê* e *doxa*, aos seus respectivos ‘conteúdos’ (e não ‘objetos’) – inteligíveis e sensíveis impede os contextos epistemológico e ontológico de emergirem separados um do outro, justificando a cunhagem da expressão ‘onto-epistemológico’.

³ A senso-percepção é entendida como um das competências pelas quais “somos capazes de fazer as coisas que fazemos” (“ver”, “ouvir”, etc.: *R. V 477c-d, 511a, c-d, 532a, c, 533a, c, passim*).

apontadas como fonte do saber (embora essa possibilidade nunca se ache formalmente excluída).

No entanto, esta leitura da relação entre as senso-percepções, as Formas e a anamnese, tem sido objecto de ampla contestação. O enfoque na senso-percepções levou G. Ryle a sustentar que o *Teeteto* evidencia o abandono da teoria das Formas pela parte de Platão⁴. Esta interpretação deu origem a duas controvérsias. A partir daquela que opôs Ryle e seus continuadores a F. M. Cornford⁵, na interpretação do *Teeteto*, surgiu uma outra, em que H. Cherniss e G. Owen discutiram o lugar do diálogo *Timeu* na produção platônica⁶.

Nenhuma das duas pode se considerar hoje definitivamente superada. Enquanto a segunda persiste entre os estudiosos, a primeira percebe-se com nitidez, por exemplo, num ensaio de J. Cooper⁷, cuja interpretação foi ainda recentemente aceita por muitos comentadores anglo-saxônicos.

A partir desse estado da questão, a finalidade do presente estudo é apresentar uma proposta de interpretação do passo do *Fédon* no qual Platão mais intimamente relaciona o exercício da 'sensibilidade' (*aisthêsis*) com a aquisição do saber (*epistêmê*⁸). O fio condutor desta leitura é fornecido pelo argumento desenvolvido na primeira parte da seção do diálogo em que é exposta a teoria da anamnese (72e-77a). O meu objetivo é mostrar que é possível encarar a anamnese como um modelo cognitivo, ao qual defendo que Platão talvez nunca tenha renunciado.

⁴ A tese é defendida num estudo e numa conferência. O estudo é: "Plato's *Parmenides*", *Mind* 48, 1939, 129-151, 302-325 (reimpresso em R. E. Allen (Ed.), *Studies in Plato's Metaphysics*, Routledge, London & New York 1965, 97-147). A conferência, dada em 1952, foi publicada muito mais tarde: "Logical Atomism in Plato's *Theaetetus*", *Phronesis* 35, 1990, 2-16 (com uma introdução que relata as circunstâncias que dão origem à publicação e ao modo como foi elaborado o texto).

⁵ *Plato's Theory of Knowledge*, Routledge, London 1935.

⁶ G. Owen, "The Place of the *Timaeus* in Plato's Dialogues", 1953; H. Cherniss, "The Relation of the *Timaeus* to Plato's Later Dialogues", 1957. Ambos se acham incluídos em *Studies in Plato's Metaphysics*, E. R. Allen (Ed.), p.313-338; p. 339-378, respectivamente. As duas polémicas são relevantes para o tópico estudado, pois – aceitando uma leitura evolutiva da filosofia platônica –, se o *Timeu* é do grupo do *Teeteto*, a indisputável presença das Formas nesse diálogo invalida a alegação de Ryle, do abandono de uma "teoria um tanto sobreamadurecida" (G. Ryle 1990, 14).

⁷ "Plato on Sense-Perception and Knowledge (*Theaetetus* 184-186)", *Phronesis* 15, 1970, p.123-146 (reimpresso em *Plato I*, G. Fine (ed.), Oxford U. Pr., Oxford 1999, 355-376). A interpretação proposta vindica a alegação de Ryle, lendo o argumento do *Teeteto* como se implicasse o abandono das Formas.

⁸ Traduzo *aisthêsis* por "sensopercepção" e *epistêmê* por "saber". Se a primeira opção impõe reservas, adiante referidas, a segunda enfrenta a competição com "conhecimento" e "ciência". Sintetizando o que afirmei em *Platão, Teeteto*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2005, p.55-57, justifico a preferência por "saber" por este ser o único termo susceptível de captar a ambivalência entre "estado" e "processo" cognitivos, que caracteriza a abordagem da *epistêmê* nos diálogos.

A anamnese: análise do argumento

No *Fédon*, a abordagem da percepção sensível⁹ é iniciada no contexto do argumento que opõe a alma ao corpo, pelo qual aquela é assimilada ao exercício da Razão e o corpo ao da sensibilidade (65a-66a). Deve observar-se, contudo, que a exploração desta cisão até às últimas consequências nos planos ético e epistêmico (65b-69e, 81b-84b), denegrindo o uso das senso-percepções, não é de modo algum correspondida no contexto onto-epistemológico, que domina no diálogo a partir da apresentação do argumento da anamnese (72e).

Após uma introdução dramática, com referências não explícitas ao *Mênon* (73a-b), no início do argumento a anamnese é caracterizada como saber (*epistêmê, epistasthai*: 73c-d):

Se alguém que vê, ouve ou capta algo por algum outro sentido, não apenas conhece (*gnôi*) isso, mas também capta na mente (*ennoésêi*) outra coisa, cujo saber não é o mesmo, mas outro, não diríamos com justiça que tem reminiscência daquilo que captou na mente (*tên ennoian elaben*)? (73c).

Os três “momentos cognitivos” acima aludidos acham-se bem representados no passo pelo uso de tempos verbais com traduções distintas (os participios pelo presente, os aoristos pelo perfeito; adiante, o perfeito grego pelo mais que perfeito. Após a apresentação de alguns exemplos, esta caracterização é confirmada pelo pressuposto de acordo com o qual só pode haver reminiscência daquilo que antes se “soubera” (*memathêkenai*: 72e). Através da comparação dos iguais sensíveis com o Igual é estabelecida a prioridade cronológica (74e-75e), psíquica (74c-d), epistêmica e epistemológica (74b-75d) do Igual inteligível sobre toda a experiência dos iguais sensíveis. Esta amplamente descrita “superioridade” é, contudo, compensada por cinco referências (74c, 75a, b, e, 75e-76a) que expressamente atestam ser através do exercício da sensibilidade que “recuperamos” (*analambanomen*: 75e, *passim*) este saber. Defendo ser na natureza desta recuperação’ que reside a tese fulcral da teoria.

Apesar de “os iguais em si mesmos” (*auta ta isa*: 74c¹⁰) não nos “(a)parecerem” (*phainetai*: 74b, d) “como” o Igual, mas umas vezes iguais, outras desi-

⁹ As traduções habituais de *aisthêsis* e *aisthanomai* sugerem a possibilidade de inserir a noção platônica nos contextos do empirismo moderno e da concepção hoje corrente de atividade sensorial. A prova de que esta tentação deve ser contrariada acha-se, por exemplo, no *Fédon* 65a-79d, e na teoria da senso-percepção, exposta no *Teeteto* 153d-160e. Bastará notar a impossibilidade de inserir o exercício da sensibilidade na relação de um sujeito com um objeto, da qual resultam a não operacionalidade da noção de “dado sensível”, bem como a ampla identificação da senso-percepção com diversas fenomenologias relativas ao corpo, incluindo desejos, emoções, paixões e estados inomináveis (*Féd.* 66b *passim*; *Teet.* 156a-b): vide, em M. Frede, “Observations on Perception in Plato’s Later Dialogues”, *Plato I* Gail Fine (Ed.). Oxford 1999, p. 377-383, o “estreitamento” dos sentidos de *aisthanesthai*, de “se dar conta” (73c, 76a) a “perceber o corpóreo” e “perceber pelos sentidos”.

¹⁰ Reconhecendo a ambiguidade de qualquer interpretação do passo, tomo “os iguais” (sensíveis), e não “os iguais em si” (inteligíveis), como referentes da expressão usada.

guais¹¹, em contraste com o Igual, que nunca aparece (*ephanê*: 74b, 76a; *phainetai*: 74c, d) desigual, é a partir deles que “concebemos e captamos” (*ennoêkas te kai eilêphas*) o saber [do Igual] (74c; vide 74b, 75d, e).

A partir desta contestação, a maior atenção será conferida à caracterização da “inferioridade” do sensível captado¹² (*elleipei*: 74a; *endei*: 74d; ou *dynatai toiouton einai hoion ekeino*; *phauloteron*: 74d-e, 75b; *endeesterôs echein*: 74e, 75a, b). Por isso, só adiante e pontualmente é apontada o fato de o sensível “se assemelhar” (*proseoikenai*: 74e) ou “estar próximo” (*eplêsiazen*: 76a) àquilo a que se “refere” (*anoisein*: 75b; *anapheromen*: 76d), que foi conhecido “antes” (*prin*: 73a1, 75e4, c4, 8, e2, 76c11, e4, 6; *proeidota, proeidena*: 74e). Em suma, o percebido acha-se próximo da entidade inteligível específica à qual “é semelhante” (*einai hoion*: 74d), à qual “aspira” (*bouletai*: 74d) ou “deseja” (*oregetai*: 75a, b):

É possível que, ... ao percepcionarmos¹³ algo pela vista ou pelo ouvido, ou usando qualquer outro [sentido], por causa dele recebamos na mente outra coisa, que fora esquecida, à qual era próximo, seja semelhante ou dessemelhante...(76a).

O mistério que envolve a anamnese, tal como a cognição, à qual serve de modelo, reside no sentido da reciprocidade desta remissão, das sensopercepções para o saber e de volta para o “algo” que é conhecido através dos sentidos. Neste duplo processo, embora comece por ser “a partir” (*ek*: 74b6, c7, 75a6, 7, 11, b6, 76b9) do sensível e “desde este” (*apo toutou*: 76a) que o inteligível é concebido (*ennoêkas*: 74c, *ennoêsai*: 76a), só pode ser a reminiscência do inteligível que permite ao que vem dos sentidos chegar ao conhecimento (*gnô*: 73c; *egnôsan*: 73d) de “algo”, pelo fato de a ela se “referirem” “as coisas a partir das senso-percepções” (76a; vide 75b, 76a; vide *supra* 73c-d). Deste modo, a possibilidade de conferir sentido à “insanidade” sensível (vide 89e-90c) resulta de termos necessariamente (*Fedr.* 249b, e) tido algum contato anterior com as Formas inteligíveis¹⁴ (74d-e, 75b, 76d-e, 78e-79a).

¹¹ Embora a leitura doxástica (*eoiken* – “parece” – 75d; vide “*soi ephanê*”: 74c) seja a mais natural, o insistente recurso a formas de *phainomai*, pelas quais o modo como as coisas “nos aparecem” depende daquilo com que as comparamos (por exemplo, “o 4 é o dobro do 2, mas a metade do 8”: vide 96d-97a; *Rep.* V 478b; e ainda *Teet.* 154a-155e), documenta a “Cambridge Change” (P. Geach, *God and the Soul*, Routledge, London, 1969).

¹² D. Scott, “Platonic Recollection”: *Plato I*, 106, observa que o reconhecimento da “inferioridade dos sensíveis” supõe o anterior conhecimento dos inteligíveis. *Contra*, defendendo não ser necessário invocar a reminiscência para que alguém se dê conta de que a percepção de sensíveis está sujeita às variações (vide n. anterior) a que as Formas são imunes.

¹³ O regresso à forma pessoal – *epistametha* – na continuação da frase consente a versão dos participios pela primeira pessoa do plural dos verbos (vide ‘*ei tis*’ no passo paralelo, citado acima: 73c). Suponho que ao longo do argumento, com “nós”, Sócrates se refere à generalidade dos homens, a quem o argumento é dirigido (*contra*, D. Scott, PR, 93-124, para quem o argumento é dirigido a filósofos).

¹⁴ Ao longo do argumento da reminiscência, o verbo *ennoeô* é usado para explicar a presença das Formas na alma (na “mente”), “antes” de esta encarnar num corpo. Por esta razão, a relação da alma com as

Conseqüentemente, pode concluir-se que a esse contato anterior da alma descarnada com as Formas (*Mên.* 81c-d; *Fedr.* 247d-e, 249b-d) é devida a dupla capacidade: (1) de captar o saber e (2) de configurar a experiência sensível. A primeira “capacidade”, repetidas vezes expressa no texto (73c, 74b, c, *passim*), constitui o ponto de partida da teoria, pois é nesse momento que se inicia o processo da anamnese: [...] “se perdemos ao nascer o que tínhamos captado antes de nascer, depois usando os sentidos recuperamos os saberes que tínhamos possuído antes” [...] (75e).

Quanto à segunda ‘capacidade’, deve ser inferida da anterior. O texto afirma que a senso-percepção é “referida” (“reenviada”) às Formas, que já se encontravam na mente, mas não explica como. E aqui reside o problema. Pois, se esta “referência” remete para uma “coisa”, um “saber” que já se encontrava na mente, este saber anterior é irreduzível ao “conhecimento” captado através do corpo. Conseqüentemente, se o saber se acha na alma devido à presença nela das Formas, sendo recordado mediante a experiência sensorial, então, necessariamente as Formas configuram essa experiência¹⁵. Esta interpretação é confirmada por um dos passos relativos à captação dos ‘iguais’ (*atta idontes isa:* 74b), mediante a “referência” destes ao Igual em si¹⁶ (*auto to ison:* 74a-e, 76d).

O exame dos dados colhidos do texto confirma que esse trabalho de estruturação da sensopercepção cabe à alma (76a), agora encerrada num corpo, mediante o uso da reflexão (73d) e da linguagem (78e-79a, 102a-b; *vide R.* VI 507b, X 596a; *Parm.* 130e)¹⁷. Todavia, nesta ‘estruturação’ do sensível há muitos pontos que o argumento só esclarece noutros diálogos.

Avaliação do argumento

Defendo que, apesar de a proposta da anamnese, no *Fédon*, ser apresentada para sustentar a tese da existência da alma, independente do corpo, a teoria é suficientemente consistente para ser caracterizada como um modelo global da cognição. Para compreender como, há que começar por ensaiar a sua reconstituição num contexto epistemológico, antes de a integrar na função que o diálogo lhe atribui (76c-77d).

Formas nunca poderá ser inserida num contexto predicativo, no qual estas são encaradas como ‘objetos’ do conhecimento.

¹⁵ O que é percebido e conhecido como tal é uma imagem do que a alma já tinha aprendido.

¹⁶ Se o Igual não estivesse na alma, como poderia ela identificar “os iguais”? *Contra*, D. Scott (1999, p. 105-118) sustenta que, se a reminiscência das Formas configura os sensíveis, então, não aquelas podem ser recordadas a partir deles. Respondo: não se percebe porquê, se o argumento reconstrói eventos psíquicos simultâneos, ou melhor, um único evento avaliado de perspectivas complementares. A observação ignora que, tal como a contemplação das Formas pela alma separada do corpo varia de acordo com as almas (*Fedro* 249b-250d), assim esquecimento e reminiscência variarão também, de alma para alma, nada obrigando a encarar ‘esquecimento’ e ‘reminiscência’ como alternativas formalmente contrárias e excludentes.

¹⁷ Todos estes passos substanciam a tese da ‘eponímia’ (*epônymia*), segundo a qual à diversidade sensível que participa de uma Forma é conferido o nome desta.

O argumento visa a provar que a cognição só é possível se a alma tiver acesso às Formas inteligíveis. Comparando “o Igual” (sempre no singular) com “os iguais”, percebe-se que, enquanto os sensíveis se acham sempre sujeitos a variação relacional, o Igual inteligível é imune a ela¹⁸. Pode daí se inferir ser apenas do inteligível que é captado o saber [do igual] (74b-c; valendo a analogia para qualquer outro inteligível: 75c-d).

Pode, portanto, se concluir que a assimilação do sensível ao inteligível a que é referido (a saber, a compreensão de que só conhecemos “os iguais” porque temos “na reflexão” – 73d – a memória de “o Igual”) depende da reminiscência vaga da respectiva Forma, logo patente na circunstância de à captação de ambos ser conferido um mesmo nome (102b). Do mesmo modo, o processo anamnético – a tentativa de definição de uma reminiscência cada vez mais clara da Forma – é despertado pela correspondência de um nome à cadeia de episódios senso-perceptivos a que aquele é atribuído, através do método da pergunta e resposta (78c-d, 99e-100a; *Carta VII* 342a-344b).

Apesar dos muitos pontos não esclarecidos, penso que este resumo será bastante para validar a pretensão da reminiscência a ser tomada como modelo da cognição. Quanto à contextualização na temática da alma, valerá a conclusão que estabelece a relação bicondicional entre ‘alma’ e ‘Formas’, que remata a primeira parte do argumento. Tal como a admissão de Formas implica a da existência da alma separada do corpo, aceitar a imortalidade da alma implica aceitar a realidade das Formas (76d-e).

Resta, contudo, responder a duas perguntas para poder encarar a anamnese como modelo da cognição. A primeira, já aludida, tem a ver com o retroefeito da reminiscência da Forma sobre o modo de “captação” do sensível percebido. A segunda depende desta, questionando “que coisa” (que “algo”) é exactamente percebida; em suma, o que é para Platão a percepção e em que consiste.

Natureza e estatuto da sensopercepção no Fédon

Embora a resposta a esta pergunta remeta para o exame doutros diálogos, a natureza da sensopercepção, em particular no argumento da anamnese, merece uma observação prejudicial. Penso que a primeira finalidade do argumento, atingida logo na sua introdução (73a-74b), é desconstruir a autonomia da percepção sensível.

Do fato de a percepção de “algo” ser sempre acompanhada de um episódio cognitivo anterior, pelo qual é recuperado um “saber ínsito” (73b) na alma, resultam duas consequências. Primeira, não havendo no argumento da anamnese, no *Fédon*, referência qualificada à *doxa*, os “saberes” do sensível e

¹⁸ É a essa diferença que os dois interlocutores se referem quando repetidamente insistem na conclusão atingida em 74b-c: ao contrário dos “iguais em si mesmos” (*auta ta isa, tauta ta isa*: 74c1), “o Igual nunca (a)parece desigual” (74c).

o do inteligível serão na realidade um único; o que “difere” são os conteúdos captados: o sensível é uma imagem do original inteligível.

Segunda, tal como não há como ter reminiscência sem a percepção que a inicia, não há possibilidade de conferir à atividade perceptiva a autonomia e analiticidade que lhe é atribuída no *Teeteto* (184-186). Não haverá, portanto, motivo para a contrapor ao inteligível, integrando-a na cadeia de dualidades que caracterizam a oposição da alma ao corpo no plano ético (65d-69e). As provas da impossibilidade de dissociar percepção e reminiscência são repetidas vezes dadas ao longo do argumento. É só preciso lhes prestar a devida atenção.

Referências bibliográficas

ALLEN, R. E. (Ed.), *Studies in Plato's Metaphysics*, London & New York: Routledge, 1965.

CHERNISS, H. “The Relation of the *Timaeus* to Plato's Later Dialogues”, 1957, In: Allen, R. E. *Studies in Plato's Metaphysics*, London & New York: Routledge, (Ed.) 1965, p. 339-378.

COOPER, J., “Plato on Sense-Perception and Knowledge (*Theaetetus* 184-186)”, *Phronesis* 15, 1970, p. 123-146 (reimpresso em *Plato I*, G. Fine (ed.), Oxford U. Pr., Oxford 1999, p. 355-376).

CORNFORD, F. M. *Plato's Theory of Knowledge*, Routledge, London, 1935.

FINE, G. I. (ed.), *Plato I*, Oxford: Oxford University Press, 1999.

Frede, M., “Observations on Perception in Plato's Later Dialogues”, IN: *Plato I*, G. Fine (ed.), Oxford 1999, p. 377-383.

OWEN, G. “The Place of the *Timaeus* in Plato's Dialogues”. IN: *Classical Quarterly* 3 (1-2), 1953, 79-95 (IN: Allen, R. E. (ed.) 1965, 313-338).

PLATO. *Platonis Opera*. (<http://www.perseus.tufts.edu>). Ed. John Burnet. Oxford: Oxford University Press. 1903.

RYLE, G., “Logical Atomism in Plato's *Theaetetus*”. IN: *Phronesis* 35, 1990, p. 2-16.

SANTOS, José Trindade. “A função da alma na percepção, nos diálogos platônicos”. IN: *Hypnos* 13, S. Paulo, 2004, p. 27-38.

_____. *Platão, Teeteto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

SCOTT, D., *Recollection and Experience: Plato's Theory of Learning and Its Successors*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995.

_____. *Platonic Recollection*, IN: *Plato I*, G. Fine (ed.), Oxford, Oxford University Press, 1999, p. 93-124.